



UMA QUESTÃO PROFISSIONAL: A IDENTIDADE DO PROFESSOR ENFERMEIRO

Débora Furlanetto¹ - UNIPLAC

Marina Patrício de Arruda²- UNIPLAC

Resumo

Esse artigo traz a fundamentação teórica de uma dissertação em desenvolvimento. O estudo vem sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense e busca conhecer a identidade do professor enfermeiro tendo em vista os desafios da articulação de duas práticas profissionais: docência e enfermagem. Por observar a angústia e dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros, devido à falta de preparo didático e a própria compreensão de que docência não é um simples ato de ministrar aulas, buscamos problematizar a identidade profissional “professor enfermeiro”. O tema dessa investigação é relevante tendo em vista que nos últimos tempos, o enfermeiro vem buscando cada vez mais a docência, unindo seu conhecimento prático assistencial à sua carreira de professor. As escolas de enfermagem já deram início a uma reflexão crítica sobre o processo de formação desse profissional mostrando sua preocupação com a qualidade do ensino que oferecem. Considerando o contingente cada vez maior de enfermeiros demandados pelo mundo do trabalho e a necessidade de formação, surge a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre essa identidade profissional.

Palavras chaves: Identidade profissional. Docência e enfermagem. Professor enfermeiro.

Introdução

A preocupação despertada pelo exercício sobre a prática docente foi o primeiro passo rumo à reflexão e construção de um conhecimento científico com o intuito de esclarecer a questão da identidade profissional do professor enfermeiro. Observamos no desenrolar desta pesquisa que esse profissional tem encontrado certa dificuldade ao desempenhar o papel de educador pela falta de preparo pedagógico para atuar na área da educação.

Foi observando práticas pedagógicas no cotidiano da profissão de professor enfermeiro que notamos a necessidade de buscar compreender melhor essa questão buscando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na linha de pesquisa II:

¹ Enfermeira, mestranda Débora Furlanetto da UNIPLAC, Universidade do Planalto Catarinense, Pós- Graduação em Enfermagem do Trabalho- UNINGÁ/PR e Educação Profissional na Área da Saúde- UNISUL/SC.

² Mestre e doutora em Serviço Social, pós-doutoranda em Educação PUCRS, professora junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC. marinh@uniplac.net

“Educação, Processos Socioculturais e sustentabilidade”, que investiga processos educativos, uma compreensão mais aprofundada sobre o tema. Inserida nesse contexto, vimos crescer o interesse em realizar uma pesquisa sobre os problemas vivenciados pelos enfermeiros em sala de aula e o desafio de articular duas práticas profissionais assumindo ao mesmo tempo como professor e enfermeiro.

Considerando que é na prática da pesquisa que se ganha autonomia e criticidade, que se amplia a “consciência sobre sua própria prática, a da sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticas sobre a realidade” (VASCONCELOS, 2005, p. 63), nos dedicamos à construção de um conhecimento que fizesse sentido para os professores enfermeiros e a profissão que os distingue.

A formação pedagógica do professor enfermeiro tem sido considerada como uma prática secundária onde poucos profissionais reconhecem a relação entre ensino, aprendizagem e assistência (RODRIGUES e SOBRINHO, 2007). Conforme as Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Enfermagem, a prática pedagógica do professor enfermeiro passou por vários processos de mudança.

Com a exclusão da Licenciatura em Enfermagem e o encaminhamento do Bacharelado em Enfermagem, os novos egressos do curso de graduação em enfermagem a partir de maio de 2006 deveriam buscar o aperfeiçoamento da docência por meio de especializações, e isto acabou dificultando para estes profissionais, uma vez que muitos deles foram perdendo o interesse para o exercício do magistério.

Para (MOROSINI, 2006) a educação em ciências da saúde surgiu por volta do século XX com a reforma do ensino médico, tornando sólidas as opiniões associadas ao processo de liderança, sustentando um ideal científico de educações inseridas nas instituições de educação médica, sendo estas identificadas pelo estatuto de conhecimento científico profissionalizante em saúde. O núcleo temático tem apresentado várias facetas, no qual abrange vários subtemas e objetos de produção de conhecimento como:

[...] gestão da educação na saúde, formação docente, currículos e reformas curriculares, diretrizes curriculares nacionais, educação dos profissionais e inserção no mercado de trabalho, integração ensino-serviço, integração ensino atenção-gestão, participação popular, currículos integrados, metodologia de ensino e avaliação (MOROSINI, 2006, p. 75).

Nesta perspectiva, a educação em saúde apresenta-se em quatro âmbitos: Ensino Superior em Saúde, Educação Profissional em Saúde, Educação em Saúde para Instituições e Movimentos Sociais e Educação Permanente em Saúde. Por meio da Educação Superior em

Saúde é desenvolvido o ensino, pesquisa e extensão universitária, já a Educação Profissional desenvolve o ensino profissionalizante, atendendo a demanda de indivíduos que apresentam o ensino médio.

A “articulação entre as ciências e a prática docente se estabelece concretamente através da formação inicial ou contínua de professores” (TARDIF, 2002, p. 36-37). Dessa forma, o profissional vai à busca do aperfeiçoamento, unindo a prática pedagógica com a prática assistencial. O campo da educação mostra que o papel do professor não está centrado apenas na racionalidade técnica, fato que exige também uma postura de pesquisador.

Assim a reflexão acerca da formação pedagógica do professor enfermeiro é de fundamental importância devido à sua complexidade. Estudo realizado por ISAIA & BOLZAN(2004), já sinalizava que os professores assumem a docência pela tendência natural baseado em modelos de mestres que assumiram essa prática sem muitos questionamentos.

Neste sentido o problema que guiou essa investigação foi: Qual o entendimento dos professores enfermeiros do Curso de Graduação em Enfermagem da UNIPLAC sobre sua identidade profissional. A escolha se justifica pelo fato da Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC ter iniciado sua primeira turma de Graduação em Enfermagem no ano de 2000, tendo em seu quadro professores com essa característica. Hoje na UNIPLAC o número de professores enfermeiros varia de acordo com o semestre, os módulos e/ou disciplinas oferecidas. Trata-se de um curso com entradas anuais, em média conta com dezesseis professores enfermeiros na formação de profissionais para a Serra Catarinense. Busca-se a construção deste conhecimento dentro de um Programa de Pós-Graduação em Educação, espaço de reflexão que além de possibilitar mudanças na prática docente, permite a reflexividade sobre esta identidade profissional, podendo construir pistas e novas perspectivas de formação pedagógica.

O objetivo geral dessa pesquisa é conhecer a identidade profissional do professor enfermeiro do Curso de Graduação em Enfermagem da UNIPLAC.

O desafio da identidade profissional e a necessidade de formar outros profissionais

Numa primeira aproximação da categoria principal dessa investigação, encontramos em Hall (2002), o termo professor enfermeiro, do qual faremos uso para encaminhar cientificamente esta discussão, ampliando a compreensão sobre a identidade profissional que pode ser vista como a relação entre indivíduo e mundo social. Um mundo em constante mudança seja na forma cultural, econômico, político e tecnológica imprime transformações

nesta identidade. Com o início da modernidade surgem novas identidades profissionais, que acaba esquecendo as antigas.

Morosini (2006) destaca que os profissionais do curso de enfermagem vêm enfrentando uma dificuldade com relação à educação, lhes falta o conhecimento prático de como trabalhar adequadamente na área, o que tem provocado angústia e insegurança. Diante desta situação, os professores do curso de graduação em enfermagem buscam uma forma mais adequada que possa vir a contribuir e aprimorar seus conhecimentos neste campo profissional.

Vasconcelos (2005) destaca ainda que a prática exercida na escola necessita de um saber teórico e da própria realidade assistida.

A dicotomia entre ensino e pesquisa pode levar a uma ruptura entre ser professor e ser pesquisador, fragmentando a identidade profissional dos docentes, impedindo, amiúde, que se conscientizem de que são responsáveis pela preparação de futuros profissionais. Não se trata, contudo, de optar por uma função em detrimento de outra, mas, sim, de integrá-la nas práticas pedagógicas universitárias (MOROSINI, 2003, p. 244).

O autor adverte que o ensino e pesquisa são práticas articuladas, que podem levar a uma divisão entre o pesquisador e o professor, podendo comprometer a identidade profissional, fazendo com que esqueçam que são formadores de futuros profissionais, por interesses particulares e gosto em encarar o desafio no ensino aprendizagem. Muitas vezes o enfermeiro abraça a docência mais pela necessidade de aumentar seus ganhos visando à subsistência.

[...] buscando acompanhar esse processo em professores (de licenciatura e bacharelado de uma universidade federal do Rio Grande do Sul) concretos, constata-se que a escolha pela carreira universitária pode decorrer, não propriamente de uma inclinação pessoal prévia, mas principalmente da oportunidade de trabalho (MOROSINI, 2003, p. 243).

Todavia estes profissionais durante o transcorrer da carreira universitária voltam-se à docência e esta acaba se tornando o centro de suas vidas. De qualquer forma, dedicação e comprometimento são pilares para o exercício de qualquer profissão, a docência nas universidades e faculdades isoladas precisa ser encarada de uma forma não amadoristicamente (MASSETTO, 1998).

Por outro lado, o mundo em processo de globalização também modifica o indivíduo como um todo por ter modificado as condições de trabalho. Para Hall (2002, p. 7) existe uma crise de identidade, esta

[...] é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas, processos centrais das sociedades modernas, abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Nesse sentido, o autor argumenta sobre a formação de novas identidades sociais, que vem dando espaço para o surgimento de um indivíduo mais moderno, contemporâneo, capaz de formular novas tendências e atitudes. Estas mudanças estão diretamente relacionadas com a globalização, e fazem com que as pessoas assumam um papel mutante, acatando uma nova convenção social, processo no qual a enfermagem também se inclui.

Dados do Ministério da Saúde (SILVA, 2003) mostram que a enfermagem representa o maior grupo de prestadores de cuidado de saúde no Brasil, participa de um trabalho coletivo de uma área contingente de um milhão de trabalhadores, totalizando dois milhões e duzentos mil empregados. Estes dados remetem a realidade que se refere ao sistema de produção de serviço, merecendo uma atenção especial. A enfermagem como prática assistencial e social é fundamental para a sociedade brasileira, que não possui um contingente suficiente de profissionais capaz de suprir a demanda, a sobrecarga pode comprometer a qualidade tanto dos serviços prestados à comunidade como na formação.

Consideramos como Horta (1979) que a enfermagem é ao mesmo tempo uma ciência e arte que visa atender o ser humano em suas necessidades básicas afetadas, por meio do cuidado e da promoção, proteção e recuperação da saúde juntamente com a equipe multidisciplinar. Sua maior atribuição é realizar atividades de cuidado voltadas ao ser humano no momento em que ele necessita. Mas o enfermeiro no desempenho de suas funções vai além do simples “cuidar de sinais e sintomas”, pois identifica problemas, assiste o cliente de forma holística na sua corporeidade, avalia a assistência prestada e garante a eficácia do trabalho (HUF, 2002).

Atualmente o ensino da graduação em Enfermagem conduzido por meio de Diretrizes Curriculares Nacionais propicia uma formação mais contemporânea e dinâmica, voltada para o ensino, pesquisa e extensão, formando enfermeiros generalistas críticos, aptos a exercerem suas funções no âmbito do cuidado, promovendo a saúde do cidadão, família e comunidade (BACKES, 1992). Para tanto duas questões desafiam a manutenção dos currículos atuais:

1) O desafio da globalização, isto é, a inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave um saber fragmentado em elementos desconjuntados e compartimentados nas disciplinas de um lado e, de outro, entre as realidades multidimensionais, globais, transacionais, planetárias e os problemas cada vez mais transversais, polidisciplinares e até, mesmo transdisciplinares. 2) A não pertinência, portanto, de nosso modo de conhecimento e ensino, que nos leva a separar, (objetos de seu meio, as disciplinas uma das outras) e não reunir aquilo que, entretanto, faz parte de um “mesmo tecido”. A inteligência que só sabe separar espelha o complexo do mundo

em fragmentos desconjuntados, fraciona os problemas. Assim, quanto mais os problemas tornam-se multidimensionais, maior é a incapacidade para pensar a multidimensionalidade, quanto mais eles se tornam planetários e o complexo planetário, a inteligência torna-se cega e irresponsável (MORIN, 2001, p. 14).

Com o tempo o enfermeiro somou à suas atribuições a “docência, unindo seu conhecimento prático assistencial à sua carreira de professor” (BUDÓ, 2002, p. 54). Considerando o contingente cada vez maior de enfermeiros demandados pelo mundo de trabalho e a necessidade constante de formação, a profissão “professor enfermeiro” passou a exigir de nós uma importante reflexão levando em conta os saberes dos professores e as realidades específicas do trabalho cotidiano.

Como bem nos diz Morin (2000), a especialização impede a visão da problemática global, fragmenta o real, impedindo-nos de apreender o “que está tecido junto” (p.41). Nossa educação ensinou-nos a separar, a isolar conhecimentos. Estivemos ao longo dessa construção, exercitando nossa capacidade de juntá-los para reconhecer a identidade do professor enfermeiro.

O professor enfermeiro é o elemento fundamental no processo de ensino aprendizagem de um curso de graduação em enfermagem, é ele que possibilita a inserção de novos perfis profissionais qualificados e habilitados para exercerem esta profissão. É primordial o papel deste profissional para dar uma continuidade à formação de novos professores enfermeiros (HALL, 2002).

[...] As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (HALL, 2002, p. 109).

As identidades surgem com um processo inovador, onde sua origem deriva de um passado histórico, o professor é aquele que expressa a sua verdade em público construindo seus conhecimentos como forma fragmentada de seus saberes.

Portanto, torna-se evidente que a formação do docente vai além do curso superior, ou seja, requer a busca do aperfeiçoamento na formação teórico prático.

De certa forma, em alguns momentos de sua trajetória na enfermagem, estes profissionais se deparam em condições de professores, sejam por meio informal, ou seja, ao realizar um cuidado prestado ao seu paciente, ou até; é mesmo na educação permanente dos profissionais que se encontram sob sua responsabilidade, ou nos ensinamentos formais dos próprios

cursos existentes em diversos níveis de formação em enfermagem (PINHEL, KURCGANT, 2007).

Observa-se a necessidade de uma educação que não seja existente somente para formar profissionais, mas sim, uma prática mais voltada para o docente, que possibilite aos educandos, desenvolverem um pensamento mais crítico e dirigido para a valorização da criatividade, reflexão e participação, sendo estes indispensáveis para a inserção social e uma construção de cidadania. O curso de enfermagem tem enfrentado um problema, no qual a maioria dos professores não apresenta uma formação pedagógica adequada (PINHEL, KURCGANT, 2007).

Identidade do professor enfermeiro

O professor enfermeiro é o elemento fundamental no processo de ensino aprendizagem de um curso de graduação em enfermagem, ou seja, é a peça principal na inserção de novos perfis profissionais qualificados e habilitados para exercerem esta profissão. É primordial o papel deste profissional para dar uma continuidade à formação de novos professores enfermeiros (HALL, 2002). O professor enfermeiro acaba contribuindo para elevar os níveis desta categoria se fortalecendo na complexa tarefa de ensinar profissionais atuantes na saúde da população.

[...] As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (HALL, 2002, p. 109).

As identidades surgem com um processo inovador, onde sua origem deriva de um passado histórico, em que o professor é visto como sendo aquele que expressa a sua verdade em público, construindo seus conhecimentos como forma fragmentada de seus saberes. Como toda e qualquer profissão esta em especial tem se apresentado em fase de construção.

Para Hall (2003, p. 17) “as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito- isto é, identidades- para os indivíduos”. Neste sentido se as sociedades não interagem entre elas é devido à articulação entre diferentes elementos e identidades, permanecendo as identidades abertas.

Com o início da modernidade surgem novas identidades profissionais, que acaba esquecendo as antigas, onde Hall (2002) aponta que estas se apresentam em declínio, surgindo novas, resultando numa fragmentação utilizada pelo indivíduo.

A criação de novas identidades e sujeitos apontada por Laclau (1990), chamado por “recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação” (p. 18) são base para a continuação de nossa história. “Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), entre as quais parece possível fazer uma escolha” (HALL, 2003, p. 75). A identidade é algo que se forma ao longo do tempo, ou seja, inacabada que não pode ser algo inato.

Segundo Hall (2002, p. 44) o ano de 1968 foi um marco na construção das identidades culturais, nas mudanças políticas e sociais, considerando “o grande marco da modernidade tardia”, é destacado pelos movimentos estudantis e juvenis, lutas pelos direitos civis e também por movimentos pela paz. Assim a identidade profissional tem apresentado constantes modificações e é observada por meio dos movimentos estudantis acometidos, bem como pelas mudanças sociopolíticas culturais.

Muitas vezes confundimos perfil profissional com identidade profissional, destacando que aquele não muda quando se refere ao meio que se encontra. Já a identidade profissional encontra-se em constante mudança, pois é adaptada ao contexto sociopolítico cultural. Para Hall (2002, p. 48): “às identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação”.

É preciso considerar ainda a questão da construção da identidade profissional, tendo em vista que a complexidade do mundo atual possibilita o surgimento de várias identidades ao mesmo tempo. Vivemos uma “crise de identidade” compreendida como “parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2002, p. 7). Esta mudança estrutural que reorganiza as sociedades modernas também muda as nossas identidades pessoais fazendo com que haja um deslocamento do sujeito.

Na medida em que a sociedade se torna mais complexa, vai adquirindo uma forma mais coletiva, onde o conceito de sujeito se torna mais social. A identidade é formada por meio da interação entre o eu e a sociedade, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (HALL, 2002, p. 13).

Conforme Silva (2003, p. 96-97) a identidade “é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada [...]” Para que isto aconteça devemos estar buscando atualizações, devido à constante transformação que se apresenta a identidade profissional.

Por estar o professor em contato direto com indivíduos, num processo contínuo, acaba construindo e reconstruindo a sua própria identidade, esse processo tem início no decorrer de sua formação.

Considerações provisórias

A prática pedagógica do professor enfermeiro encontra-se em construção, e depende de vários fatores que se relacionam entre si, como o contexto pessoal, contexto da enfermagem e saúde e das próprias instituições formadoras.

A pesquisa aqui referida tem como norte um estudo de caso que se iniciou em leituras realizadas em diferentes autores de forma a garantir a ampliação do olhar sobre essa identidade que procuramos conhecer.

Espera-se ao final dessa dissertação de mestrado em educação contribuir com a discussão sobre a formação pedagógica daqueles que conjugam as profissões de professor e enfermeiro e que acabam construindo uma identidade profissional complexa apresentando possibilidades e limites à formação de outros profissionais.

Hall (2002) aponta para a fragmentação de novas identidades utilizadas pelo indivíduo moderno. Como toda e qualquer profissão, esta em especial tem se apresentado também sua fragmentação e contínua reconstrução.

Com a exclusão da Licenciatura em Enfermagem, os novos egressos do curso de graduação em enfermagem (bacharelado) a partir de maio de 2006, passaram a buscar o conhecimento da licenciatura por meio de especializações, e isto acabou dificultando a vida destes profissionais, mas é preciso ouvi-los sobre a implicação disso na sua identidade profissional.

Referências

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 1133, de 01 de outubro de 2001. Diário Oficial da União, Brasília, 3 out. 2001. Seção 1E, p. 131.

BACKES, V. M. S. **As políticas oficiais de saúde e o ensino de enfermagem**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1992. [Dissertação de Mestrado].

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORDAS, M.C. Apresentação. In: PETTENGILL, M. A. M. et al. O professor de enfermagem frente às tendências pedagógicas. Uma breve reflexão. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 32, n.1, p.16-26, abr. 1998.

BUDÓ, M. L. D. **A prática de cuidados em comunidades rurais e o preparo da enfermagem**. f. 193. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

COSTA, F. N. A. Visitando a prática pedagógica do enfermeiro professor. São Carlos: Ruma, 2003. In: IBISUI, Cássia Tiêmi Nagasawa. **A identidade profissional do enfermeiro professor do ensino técnico de enfermagem**. Ribeirão Preto, 2004. [Dissertação de Mestrado].

HORTA, W. A. **Processo de enfermagem**. São Paulo: EPU, 1979.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HUF, D. D. **A face oculta do cuidar**: reflexões sobre a assistência espiritual em enfermagem. Rio de Janeiro: Mondrian, 2002.

IBISUI, Cássia Tiêmi Nagasawa. **A identidade profissional do enfermeiro professor do ensino técnico de enfermagem**. Ribeirão Preto, 2004. [Dissertação de Mestrado].

ISAIA SMA, BOLZAN DPV. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende? **Rev. Educação**, 29(2), 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.

MASSETTO, M. **Docência na universidade**. São Paulo: Papirus. 1998.

MOROSINI, Marília Costa et. al. (org.) **Enciclopédia de pedagogia universitária**. Porto Alegre: FAPERGRS/RIES, 2003; 2006.

MORIN, E. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PETTENGILL, M. A. M. et al. O professor de enfermagem frente às tendências pedagógicas. Uma breve reflexão. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 32, n.1, p.16-26, abr. 1998.

PINHEL, I.; KURCGANT, P. Reflexões sobre competências docente no ensino de enfermagem. **Revista da Escola de enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 4, 2007.

RODRIGUES, Malvina Thaís Pacheco; SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Rev. Bras. Enferm.** 60(4):456-9, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Maria Lucia. Docência e autoridade no ensino superior: uma introdução ao debate. In: VASCONCELOS, Maria Lucia. **Ensinar e aprender no ensino superior**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.